

Elaine Tavares

JORNALISMO NAS MARGENS

Uma reflexão sobre comunicação
em comunidades empobrecidas



Jornalismo nas margens

**Uma reflexão sobre a comunicação em
comunidades empobrecidas**

Elaine Tavares

Jornalismo nas margens

**Uma reflexão sobre a comunicação em
comunidades empobrecidas**

Florianópolis
Outono/2004

Ficha Catalográfica

T231j

Tavares, Elaine

Jornalismo nas margens : uma reflexão sobre comunicação em comunidades empobrecidas. – Florianópolis: Companhia dos Loucos, 2004.

45 p.

Inclui bibliografia.

1. Jornalismo popular. 2. Comunicação – Aspectos sociais.
3. Marginalidade social. 4. Jornalismo – Prática profissional.
5. Imprensa alternativa. I. Título.

CDU: 07.01

Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

Revisão: Raquel Moysés
Foto: Ricardo Casarini Muzy
Capa: Paulo Sérgio Zembruski

“Compreender é esquecer de amar”

Fernando Pessoa

**“Vim pôr fogo ao mundo
e hei de preservá-lo
até que arda.”**

Jesus de Nazaré

Para os que vivem... a despeito de tudo...
E para os que sabem
que a grandeza está em ser ponte...

Companhia dos Loucos

Cooperativa da palavra libertária, criadora, caminheira. Não quer lucro, nem fama. Sonha derrubar muros que separam e escondem aqueles que têm a sua palavra calada, mutilada, censurada, castrada, quebrada, torturada, em nome do lucro, do mercado, da competição.

Para com-partilhar esse movimento, basta empenhar a palavra, ajudar de algum modo, fazer circular livros, idéias, esperanças. É por isso que a Companhia dos Loucos é também uma cooperativa de palavra. Quem quiser dar a sua, venha sonhar com a gente...

Viajeiros da palavra:

Elaine Tavares
Míriam Santini de Abreu
Ricardo Casarini Muzy
Raquel Moysés
Paulo Zembruski

Endereço eletrônico: eteia@gmx.net

Apresentação

Palavra de repórter

Raquel Moysés – jornalista e educadora

Quando ela se levanta para falar nos lugares em que as gentes se encontram e já a ouviram falar antes, cria-se uma espera grávida de desejos.

É que essa mulher pequenina, áspera e terna, partilha uma palavra que faz escutar. Palavra coletiva, nascida da memória. Palavra que, como pão, depois de passar por tantas mãos, desde a semente até o forno, chega sempre renovada à boca dos esfomeados. Famintos de pão e palavra.

Elaine Tavares fez, desde sempre, a escolha de caminhar com gente do povo como ela mesma. É repórter que nunca renunciou à militância por temor à censura, nem teve medo de revelar de que lado está e a quem serve garimpando a mina inesgotável de palavras andarilhas das quais extrai a força para seguir seguindo, em meio às dores do mundo.

Jornalismo nas margens emerge dessas escolhas e desses caminhares. Não tem a pretensão de ser palavra escorregadia, passageira, que sai sem compromisso e desliza sem rumo nem tino.

Também não nasce dos terrenos ladinos, às vezes áridos (freqüentemente áridos) do pensar científico. Não tem muito menos a intenção de ser manual nem aprisionar em conceitos e receitas prontas o ofício jornalístico e a ação que dele pode brotar.

Jornalismo nas margens é uma manifestação pela libertação do fazer jornalístico, enclausurado em manuais de redação, em práticas que o tornam espetáculo grosseiro e em teorias que aprisionam e condenam a beleza, tentando tudo submeter a um modelo de expressão.

Deste manifesto de uma paixão jorra um desejo imenso de acender centelhas e alumiar sendas escondidas e, com isso, fazer pensar: - O que há para dizer? O que tem para fazer? Como é possível dizer para, a partir das palavras, fazer nascer o desejo ou despertar o que está adormecido?

Neste livro não se fala de um “outro” jornalismo, como o fazem os que querem dividir o jornalismo em tantas seitas para desintegrá-lo, até com códigos de ética em separado. Nele se fala apenas de jornalismo, aquele que deveria ser a voz de um único ser ou as falas das comunidades, dos gentes, dos povos. Jornalismo que pode ser eco, ponte, caminho, estrada, lugar que acolhe e faz ressoar os interesses dos fracos, dos explorados, dos subjugados, dos oprimidos, vizinhos de casa ou de qualquer parte do mundo. Jornalismo para o qual uma única coisa interessa: “o ser humano sufocado em sua vontade de ser” (Marcos Faerman).

para que nunca mais o silêncio seja cúmplice do crime,

para que a palavra não se perca entre os ruídos,

para que a solidão seja derrotada e não haja fronteiras para a esperança,

para que os pés de todos tenham um passo digno,

para que ninguém fique sem um lugar para semear a memória,

para que todos possamos entrar e sair, e as paredes não sejam prisão,
e sim abrigo...

(Comandante David, no sétimo ano do levante zapatista)

Uma reflexão sobre a comunicação em comunidades empobrecidas

*“De quanto se escreve,
só amo o que alguém escreve
com o seu sangue”.*
Nietzsche

Prefácio

Este trabalho é uma comunhão. Nasce de um desejo amoroso de compartilhar um caminho que venho trilhando há duas décadas. Caminhos de estradas de chão, veredas secundárias, pedregosas, longe do asfalto, da abundância, dos gabinetes. Estradas que, justamente por serem secundárias, guardam buracos escuros, sujeira, solidão, sangue, dor, mas que, ao mesmo tempo, guardam belezas jamais vistas, escondem segredos vitais para a felicidade, a alegria, a utopia. Lugares onde as flores desabrocham a despeito de tudo, onde a solidariedade é concreta e a fraternidade real.

Fazer jornalismo longe das câmeras das grandes redes, fora dos grandes jornais, pode ser uma aventura prazerosa ao extremo, despertar os mais escondidos desejos de transformação, modificar para sempre a vida de um ser humano. Não que eu acredite que o jornalismo feito nas margens possa, por si só, transformar o mundo, mas o fato de levar a informação aonde ela custa a chegar - ou não chega nunca - já é uma pequena revolução. Às vezes, para uma mulher que tem um filho pequeno, saber que o dia “tal” é dia de vacina, e que isso é de fundamental importância, pode fazer a diferença entre a vida e a morte.

Este pequeno livro traz algumas reflexões no plano da teoria. Nada muito sofisticado, com longas citações ou pés de páginas. Tudo que aqui está escrito não foi pescado com as redes da ciência, como diria Rubem Alves. Não é tese, nem dissertação. É fruto de dias e dias a observar a realidade, a pensar sobre ela,

Elaine Tavares

a caminhar com ela, a ruminar idéias. Quis então dividir esses pensares com outras pessoas que, como eu, também estão caminhando - ou desejariam estar - por estradas secundárias. Ao final do trabalho, ofereço algumas sugestões de leituras que, na verdade, foram as que me inspiraram nesta caminhada. Muitas delas nada têm a ver com o jornalismo mas, ao mesmo tempo, têm tudo a ver, porque pensam o mundo dos homens e das mulheres. E são os seres humanos, em última instância, os que protagonizam fatos, que são a matéria-prima do jornalismo.

Também trabalho algumas idéias de comunicação que podem ser desenvolvidas nas comunidades esquecidas ou mal servidas pelo poder público, dividindo, dessa forma, vivências pessoais e conhecimentos construídos ao longo da estrada já percorrida. Como disse lá no começo desse texto, é uma comunhão, um repartir, uma troca, aberta ao debate e à re-construção porque, afinal, a vida, é um eterno retorno, dialeticamente sempre um degrau acima.

Elaine Tavares

Desterro/outono/2004

*“Eis a barca,
Conduz talvez em pleno nada.
Mas quem quererá
embarcar para
semelhante talvez?”*

Nietzsche

I Os conceitos

Desde quando comecei a trabalhar com jornalismo em comunidades abandonadas pelo poder público, passei a fazer uma varredura nas bibliotecas para encontrar coisas que já haviam sido feitas ou escritas sobre esse tipo de trabalho. As referências eram muito poucas. No Brasil, raros são os livros que falam do jornalismo popular ou comunitário. De qualquer forma foi nesses poucos em que me pendurei. Uma leitura aqui, outra ali, um ou outro estudo de caso, e uma pulga enorme começou a coçar atrás da minha orelha: como nomear este jornalismo feito à margem, já que as coisas precisam ter nome para andar?

Luiz Beltrão é um dos primeiros teóricos brasileiros a falar sobre um jornalismo feito *nas e para* as comunidades marginalizadas. Este foi o tema de sua tese de doutorado em 1967, o que levou José Marques de Melo a dizer no prefácio de outro livro sobre o tema, que Beltrão “foi o desbravador de uma nova área de estudos da comunicação...apontando para as classes subalternas como produtoras de bens simbólicos que significavam algo além de ornamentos das festas patrocinadas pelas classes dominantes” (in Beltrão,1980, p.VII).

No trabalho editado em 1980, **Folkcomunicação – a comunicação dos marginalizados**, é que ficam mais claros os pressupostos do que Beltrão chama de *folkcomunicação*. Segundo o teórico, seria um processo *artesanal e horizontal*, semelhante aos tipos de comunicação interpessoal, já que as mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares a uma audiência conhecida pelo comunicador, ainda que dispersa. A idéia é interessante mas confesso que o nome *folkcomunicação* não me soou bem. O termo *folk*, que em alemão significa povo, bem que poderia ser povo mesmo, porque não? Comunicação do povo?

De qualquer forma, ainda que teoricamente arraigado a linhas de pensamento funcionalistas, Beltrão levanta elementos e indagações fundamentais para se começar a pensar a comunicação independente e autônoma, que pulula nas comunidades. Além disso, faz uma espécie de inventário de tudo o que se expressa nestas comunidades ditas marginalizadas e que, normalmente, é tratado como mera expressão de folclore ou cultura popular. Antecipando-se a Jesus Barbero, que iria expor essa situação na América Latina anos mais tarde, Beltrão conclui que as expressões da cultura popular, muito mais complexas, fundamentalmente são processos comunicativos que resistem e se contrapõem ao sistema. Ele não chega a aprofundar isso, muito menos consegue colocar em evidência a luta de classes que se expressa através delas, mas é possível, ao leitor, intuir.

Ainda no livro de Beltrão, vamos encontrar uma análise de cada uma dessas manifestações comunicativas, no meio rural, através das festas religiosas, exposições, feiras, catiras, xaxados, rodeios, no meio urbano, com o carnaval, os dias cívicos, as passeatas, os grafites, as legendas de caminhão e as festas populares. Tudo isso, longe de ser só cultura, é também uma maneira que a população encontra para se comunicar.

Para ele, o comunicador *folk* tem a personalidade característica do líder de opinião que recebe a informação e a decodifica, goza de prestígio dentro da comunidade onde atua, mantém freqüente contato com as fontes externas de informação e mobilidade, circulando em vários grupos. Como se vê, a idéia de Beltrão de um comunicador popular ainda é um pouco elitista porque pressupõe alguém que se sobressai no grupo, que precisa de características especiais, sobretudo de arraigadas convicções filosóficas acerca de suas crenças e tradições (p.35). Esta é, talvez, uma visão que ainda prevalece, a se observar os ditos locutores “populares” das rádios. Mas há que estudar mais acerca de suas “convicções filosóficas”. O próprio autor deixa claro que muitos dos chamados comunicadores *folk* usam e abusam muitas vezes de seu poder sobre as comunidades.

Mas, se Beltrão fica na análise acadêmica dessas formas de expressão, já existiam, àquela época, na América Latina e, conseqüentemente, no Brasil, experiências concretas de intervenção nesta realidade. Comunicadores, jornalistas e educadores populares, conscientes de que estas manifestações são formas de expressão importantes e significativas, passam a trabalhar nas comunidades visando despertar as potencialidades de uma comunicação efetivamente popular, feita *pelas* comunidades, *para* as comunidades e *nas* comunidades.

Estas práticas são chamadas por Grinsberg (1987) de *comunicação alternativa*, porque se opõem a “grupos que usufruem, em proveito de setores privilegiados, econômicos e/ou políticos, da propriedade e/ou controle dos meios”. É uma comunicação de resistência que vai se espalhando como um rastro de pólvora por todo o continente, fazendo frente a governos ditatoriais, ao poder instituído e à exclusão completa do pobre dos meios tradicionais de comunicação. Aqui, já se percebe um outro olhar sobre o tema, que foge da idéia da comunicação popular como simples folclore.

No trabalho desse autor, a luta de classes aparece de forma clara e ele avalia que muito do que se produz em termos de comunicação no meio popular tem como objetivo se opor ao sistema manipulador dos grandes veículos. Ele analisa basicamente os movimentos sociais democráticos, tendencialmente autogestionários e descentralizadores que tentam romper com o desequilíbrio entre as taxas de emissão e recepção (p.8). Fica explícito também que para Grimberg a *comunicação alternativa* é uma ação muito mais articulada do que a mera expressão popular desorganizada estudada por Beltrão.

O autor ainda discute a participação do estado, organismos culturais e agências internacionais na área da comunicação popular. Segundo ele, “muitas das supostas opções comunicacionais foram colocadas ao serviço de projetos industrialistas e de domesticação ideológica, não só no âmbito do capitalismo ocidental, mas também no chamado socialismo real” (p.9). Nota ainda que, em ambos os casos, as cúpulas dirigentes se aproveitaram das vantagens manipuladoras da participação grupal. Esse é um fato que ainda hoje pode ser observado na ação de muitas ONGs, instituições governamentais e afins que, não raras vezes, sobrepõem seus interesses aos das populações marginalizadas.

No texto, Grinsberg marca bem seu desacordo com duas concepções de comunicação ditas alternativas. A primeira é a que visualiza a comunicação alternativa como oposta por princípio aos meios de massa como tais, devido a sua estrutura tecnológica tradicionalmente unidirecional. Ele acredita que a inserção social desses meios pode superar a unidirecionalidade. A segunda alternativa com a qual não concorda é a de que a comunicação alternativa é uma espécie de antídoto contra o modelo capitalista transnacional de comunicação. Vai mostrar que, muitas vezes, há contextos e fenômenos que produzem o alternativo também frente ao monopólio estatal.

A sua proposta de comunicação alternativa vai mais longe. Ele crê que ela pode se dar através de diferentes meios e formas. Não propõe uma alternativa aos meios como tais, mas sim como instrumentos de poder. Também avalia que o meio não é *em si* o alternativo, mas pode ser instrumento de uma opção promovida por um grupo de pessoas ou por um setor social, sempre frente aos grupos que usufruem, em proveito de setores privilegiados, a propriedade e/ou o controle dos meios de informação. (p.20). Grinsberg não lida com o assunto de forma maniqueísta (bem e mal). Ele problematiza, inclusive lembrando que podem existir “alternativos” de caráter autoritário e fascista. Daí a necessidade de se pensar nos temas a serem tratados, a hierarquização das informações e a linguagem a ser usada. Lembra ainda que uma informação no meio alternativo deve contextualizar a realidade para que a comunicação não seja confundida com propaganda e o receptor não seja visto como um objeto. Para ele, o meio alternativo deve surgir na práxis social, quando se faz necessário para “gerar mensagens que encarnem concepções diferentes ou opostas às difundidas pelos meios dominantes” (p.24), sempre dispostos a modificar em algum sentido a realidade. “Achamos que para ser verdadeiramente alternativo, não basta que o meio esteja à margem das redes de distribuição da grande imprensa, mas deve ostentar uma diferença qualitativa em face dela”(p.24).

Carlos Hurtado (1992) dá um sentido mais político ao que vai chamar de *comunicação popular*, fugindo assim do termo alternativo. “O surgimento da comunicação alternativa, conforme se diz, se dá com um questionamento e uma defesa dos setores populares, diante do sistema total de comunicação-informação da dominação. Isto é certo, mas de acordo com meu ponto de vista contém uma limitação de orientação de origem” (p.105). Na sua proposta, a comunicação feita nas comunidades deveria ser algo mais do que a oposição ao controle dos meios. Seria uma manifestação inequívoca contra o sistema *total* de dominação. A comunicação pode ser sim uma alternativa em relação à propriedade, modo, uso e influência manipuladora dos meios massivos, mas também precisa ser e expressar uma alternativa ao modelo político dominante não devendo perder-se ou restringir-se a um mero antagonismo diante dos meios. Assim, Hurtado questiona se, em vez de se falar em comunicação alternativa não se deveria falar em alternativa de comunicação, sempre com uma clara visão política que traz no seu bojo um projeto de mudança.

E ele ainda vai além. Não aceita a implantação de projetos de comunicação popular, realizados por especialistas, sobre grupos, comunidades ou setores “cujo nível de desenvolvimento ideológico e organizativo não estejam de acordo com a possibilidade de criar verdadeiramente suas alternativas de comunicação/educação” (p.106). Hurtado não permite dúvidas. Ou a comunicação popular é para transformar o mundo, num processo *a partir da própria comunidade* organizada, ou não é comunicação popular. Nada de salvadores da pátria ou condutores das bandeiras populares. A comunicação precisa ser gestada na comunidade. “Uma alternativa de comunicação seria, portanto, a expressão sistemática, coerente, criativa, complementar, aberta e horizontal, que um grupo ou organização consegue ir desenvolvendo como arma de luta ideológica que expressa e intercomunica seu nível de consciência, seu avanço organizativo e suas lutas” (p. 107).

O teórico ainda deixa claro que o sentido popular da experiência comunicativa só será dado pelo seu sentido de classe e seu serviço orgânico ao movimento popular e não pelo caráter pobre, artesanal ou popular dos instrumentos comunicativos que manejam. (p.111). Ele ainda instiga a que se usem as mensagens enviadas pelos meios massivos recuperando-as criticamente. Como exemplo, cita a telenovela. Acredita que o meio popular pode montar peças de teatro re-interpretando momentos das novelas que levariam a análises equivocadas e manipuladoras. A proposta é usar o veneno como antídoto.

No livro **O jornalismo alternativo no projeto popular**, Pedro Gilberto Gomes (1990) vai trazer mais alguns autores que pensam o jornalismo nessa perspectiva. Cita Gilberto Giménez, que fala numa comunicação popular emancipadora que seria a promoção das classes populares para a liberdade política e social, respeitando profundamente seu sistema de autodefinição, sua iniciativa cultural e seu direito a ser diferente (p.35). Também, Felipe Espinosa, o qual argumenta que há muita teoria e pouca prática na área da comunicação popular e que esta só será libertadora quando o povo expressar, com a própria

voz, os seus valores e sua visão de mundo. O papel desse tipo de comunicação seria o de organizar o que está disperso, valorizando os elementos progressistas que subsistem no povo (p.36).

Maria Cristina Mata, outra autora citada por Gomes, entende a comunicação popular como uma criação conjunta, diálogo, construção de uma realidade distinta na qual o homem seja pleno sujeito (p.41). Já Martinez Terrero diz que ela é definida como uma comunicação do povo oprimido, que se expressa e reclama seus direitos conculcados, usando para isso os meios de comunicação que mais ajudem a sua libertação (p.43).

Depois de fazer toda a discussão do ponto de vista da comunicação popular, Gomes vai discutir o jornalismo como fazer específico dentro dessa perspectiva e usa as definições de Carlos Eduardo Lins da Silva. Esse autor diz que a função primordial do jornalismo popular é auxiliar na tarefa de organização dos trabalhadores e dos setores que lhes sejam simpáticos. Gomes também traz Luis Anastácio Momesso, que lembra haver quem caracterize esse tipo de imprensa que se faz no meio popular como *imprensa comunitária*, nome que acabou surgindo na década de 70 a partir do trabalho da igreja progressista e suas Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs. José Marques de Melo, contudo, alerta que só pode ser considerada comunitária a imprensa que se estrutura e funciona como meio de comunicação autêntico de uma comunidade. “Isso significa dizer: produzida **pela** e **para** a comunidade” (p.60). Eu arriscaria acrescentar mais um ponto ao discurso de Melo, dizendo que a imprensa comunitária é também aquela que se faz **com** a comunidade.

Toda esta discussão teórica a respeito do nome que deveria ter esse tipo de comunicação feita junto aos empobrecidos, me levou a outra questão “nominal”. A do significado de *comunidade*. Segundo o dicionário: qualidade do que é comum, sociedade, lugar onde residem indivíduos agremiados, comuna. Se é assim, então toda imprensa ou o jornalismo é comunitário, afinal um jornal é lido por centenas de sociedades, de indivíduos agremiados. Assim também a TV e o rádio são vistos e ouvidos.

Então por que sempre pensamos em localidades empobrecidas quando falamos em *comunidade*? Sem dúvida, essa é uma expressão que se origina das CEBs, trabalho de organização e evangelização popular iniciado pela igreja no período do regime militar. A partir da *opção preferencial pelos pobres*, a igreja progressista começa um trabalho em que fé e política se dão as mãos num projeto emancipador. Nele, os povos oprimidos nas cidades e nos campos, depois de todo um processo de construção do que seja ser *sujeito*, se reconhecem como pessoas em luta, juntas. Assim, comunidade passa a ter novo significado, quer dizer “lugar onde as pessoas conspiram”, como diria Rubem Alves. Co-aspiram, respiram juntas na luta por melhores dias, por justiça, por distribuição de riqueza.

Comunidade, no Brasil em particular, não é vista – como no verbete de dicionário - só como uma agremiação qualquer. Passou, pela prática, a significar

um espaço que as pessoas construíram com as próprias mãos, na luta, na ocupação, e que tem uma organização articulada, seja por uma Associação de Moradores ou algo semelhante, que os unifica nos seus desejos. Comunidade tem significado diferente de *favela*, normalmente tida como lugar desorganizado, onde as pessoas unicamente sobre-vivem. Talvez hoje, no Brasil, poucas sejam as favelas, na medida em que a organização popular amplia e se espalha.

Comunidade então, é o espaço onde as pessoas se encontram dentro da cidade, lugar onde elas se acham, encontram suas raízes e se re-plantam.. É um espaço organizado no qual vibra uma vontade imensa de transformar a realidade de miséria, opressão, desigualdade e injustiça. Viver em comunidade é apostar que é possível viver no encontro, na partilha, ao contrário do que nos remete a chamada globalização ou a pós-modernidade, tipo de sociedade na qual cada um vive no seu canto, em solidão, buscando soluções individuais. Neste sentido, o empobrecido é o que mais vive em comunidade, porque ele está no limite da condição humana e não pode viver sozinho. Ele precisa do outro para se apoiar e se construir. Na comunidade, o aparente caos é unicamente superfície. Ali, a solidariedade se faz concreta, em ações cotidianas, como emprestar uma xícara de arroz, comprar fiado na venda, providenciar um enterro ou cuidar do filho da vizinha que sai para trabalhar. Assim, para nós, jornalistas, estar em comunhão com estas comunidades não significa unicamente uma opção de vida, mas uma nova maneira de perceber o mundo, de ver o mundo onde estamos inseridos e de conceber o jornalismo.

Mas, voltando à *comunicação popular*, este também é um nome que acabou não soando bem, fica confuso porque, afinal, o que é popular? É unicamente o reinado dos pobres? Só é povo quem é pobre, quem está esquecido pelo poder público, quem é oprimido pelo sistema? Clodovis Boff (1996) diz que sim, que povo é o conjunto das classes oprimidas, subalternas. E é assim que acabamos assumindo esse conceito que, de algum modo, parece um pouco redutor.

Foi então que, fui percebendo ser o trabalho que se faz nas comunidades empobrecidas um trabalho marginal, ex-cêntrico. No sentido de que não está no centro, anda à margem, beirando os caminhos asfálticos. É comunitário, é popular, mas tem uma proposta diferente. Não tem a pretensão, nem a vontade, de querer colocar o *outro*, oprimido pelo sistema, no chamado processo de inclusão. Ao contrário, quer provocar a discussão sobre um outro mundo, diferente desse que aí está. Não lida com os empobrecidos como os excluídos do sistema, porque, na verdade, não o são. Sua condição é a prova viva da inclusão, não como sujeitos, é claro, mas como “carne moída para alimentar os cães”, engrenagens necessárias. Assim, um jornalismo que se pretenda transformador e que trabalhe nessas comunidades, precisa andar à margem, encontrar outras veredas que possam dar em outros lugares que não no centro da sociedade que aí está construída, capitalista e opressora. O jornalismo feito nas margens quer outra sociedade, distribuição da riqueza, sujeitos cientes de sua força e beleza. Então, não basta a ele ser comunitário ou popular. Precisa ser também libertador.

Vendo o invisível

Ovo voa? Eis a pergunta básica! Depende de como o vemos. O professor de filosofia, Newton Tavares, tem a resposta: “Se tivermos a delicadeza, a ternura de aquecê-lo, dele sairá um pássaro maravilhoso que nos levará na direção do infinito. A forma de olhar muda tudo. Pode ser só um ovo, frágil como um cristal, mas pode ser um pássaro, leve como um perfume. Há coisas na vida que são muito delicadas, só percebidas pelo *ocular* do coração”.

Pois é assim que proponho também deva ser encarado o jornalismo. Como uma forma de leitura do mundo em que a pessoa não fique prisioneira apenas dos olhos. Num fato dado, há coisas que vão além daquilo que vemos. Há coisas invisíveis (só percebidas pelo coração) que passeiam por entre os fatos e que precisamos enxergar. Um fato jornalístico não acontece por acaso, não surge do nada, não brota do chão sem que alguém semeie. Há muita coisa por trás de um acontecimento, causas remotas e recentes, conseqüências. É essa capacidade de ver o invisível que precisamos perseguir entendendo que invisível não é aquilo que não existe, mas o que sempre esteve ali e nunca vimos, porque não fomos capazes de olhar com os olhos da ternura, do amor, do vivo interesse.

Newton Tavares lembra que Wittgenstein, filósofo da linguagem, dizia: “daquilo que não se pode falar, cala-se”. Há que se pensar sobre isso já que a profissão de jornalista é justamente “dizer a palavra”, nunca calar-se. “Na verdade, o filósofo era prisioneiro dos olhos, portanto incapaz de perceber o que se esconde atrás dos véus do embotamento. A ele podemos contrapor um outro pensador, Umberto Eco, que diz: daquilo que não se pode falar, narra-se”, explica Newton. É isso que deve fazer o jornalismo, dizer o dizível e o indizível, ser capaz de ver o que está além dos olhos, narrar, descrever, contar a história. Repito: nenhum fato acontece do nada, tudo tem uma causa e uma conseqüência. E cada personagem tem uma história.

*Louvo as línguas e os estômagos recalcitrantes e difíceis
que sabem dizer eu, sim e não.*

Nietzsche

II

○ *jornalismo libertador*

Na senda desta discussão, a proposta que trago é a que chamo de *jornalismo libertador*, uma reflexão sobre o fazer jornalístico que parte dos pressupostos da *Filosofia da Libertação*. Nesse sentido, para que possamos entender conceitualmente o que vem a ser este tipo de jornalismo é preciso entender primeiro os pressupostos levantados pela filosofia que incendiou a Latino-América a partir da década de sessenta.

E o que é, efetivamente esta tal *Filosofia de Libertação*? É uma corrente de pensamento que surge na América Latina, nos idos dos anos sessenta, tendo como um dos seus mais importantes fundadores o filósofo argentino Enrique Dussel. Pois esse homem se dispôs a pensar o mundo a partir do ponto de vista do oprimido, da vítima que está fora do centro, fora da totalidade, e a produzir um discurso filosófico que nasce da realidade latino-americana.

Na *Filosofia de Libertação* uma discussão de fundo é a questão do ser. Historicamente, ao longo dos tempos, o mundo ocidental baseou-se no conceito helenista (grego) do ser. Para os gregos havia duas interpretações acerca do ser:

**O ser é
O não-ser não é.**

Traduzindo: para os gregos, apenas aquilo que era igual a eles era considerado *ser*. O que diferia em algum aspecto era o *não-ser*, o bárbaro, o diferente (escravos, mulheres, crianças, gente de outras terras, outros costumes). Os gregos, que viviam em áreas de estepe, planície, consideravam *ser* apenas o que era visto, o que se mostrava à luz do dia, belo, igual. Daí toda a sua adoração à justa medida, à harmonia, ao belo. Deles, decorre todo o pensamento ocidental. Bas-

ta lembrar que quando os portugueses e espanhóis invadiram as terras da América, levaram anos na discussão sobre se os índios tinham ou não alma. Na sua concepção filosófica, herdada dos helenos, os americanos eram o que eles chamavam de *não-ser*, ou seja, negados na sua humanidade, na sua realidade, na sua existência (Zimmermann, 1987).

A Filosofia de Libertação vem trazer um novo conceito para este suposto grego, e para isso trabalha com a visão semita de homem e mulher. Os povos semitas, que se formaram no século XXV a.C., na baixa Mesopotâmia, viviam nos desertos e tinham outra reflexão acerca do ser. Para eles, o ser não era o visto e sim o ouvido. Nos desertos, o visto pode não ser real, uma vez que são comuns as miragens e, a luz do sol, batendo na areia, provoca distorções ao que é visto. Assim, um semita precisa estar frente-a-frente com o outro para defini-lo. A partir daí, os pensadores latinos-americanos definiram um novo pensar.

Se o ser é O não-ser é real.

Qual a importância desta pequena mudança? Radical! Porque se você vê algo que não é igual a você mas não o nega, está começando a entender o que seja efetivamente um processo libertador. Aquilo que existe diferente de mim, pode ser chamado de *não-ser*, mas é algo real. Não posso simplesmente negá-lo, porque se eu negar a sua existência posso estar consolidando a necessidade de exterminar esse ser diferente pelo simples fato de que *não-é*. Podemos lembrar apenas alguns exemplos: Os judeus, exterminados por Hitler, os opositores do regime militar brasileiro, exterminados pelo governo, os turcos, hoje assassinados pelos alemães extremistas, os argelinos, assassinados pelos franceses, os mendigos, assassinados por garotos ricos, os negros, capturados como escravos, enfim, milhares de outros exemplos. Neste sentido, a filosofia da libertação vê o pensamento grego sobre o ser como o germe do preconceito, da exclusão, do extermínio em nome da pureza.

Isso também pode-se analisar em termos político/econômicos. Se o mundo latino-americano, asiático ou africano é o mundo dos *não-seres*, então fica fácil validar teorias e ações que aprofundam a miséria, a exclusão, a fome, o genocídio. Uma entidade do primeiro mundo como o Fundo Monetário Internacional, por exemplo, impregnada dessa visão grega de mundo, não quer nem saber se seus pacotes de ajuste econômico propostos às nações pobres vão provocar o aprofundamento das mazelas dos povos. Ao Fundo só interessam os seus *iguais*. Eles sendo beneficiados, já basta.

Na Filosofia da Libertação, então, contrapõem-se dois conceitos básicos: o da totalidade e o da exterioridade. A totalidade é fechada, eterna repetição do mesmo, princípio justificador da dominação, afirmação do ser como absoluto (gregos). Já a exterioridade aparece como uma abertura possível ao outro, não absolutiza o ser, é o princípio metafísico da alteridade. É nessa senda que nos propomos caminhar.

O *jornalismo libertador* comunga dos pressupostos da Filosofia da Libertação no que diz respeito à alteridade, na medida em que é capaz de pensar o outro como outro, diferente, mas real. O *ser* é o outro, o simplesmente outro, em contraposição ao *ser* europeu/ocidental. O *jornalismo libertador* trabalha com a idéia de que é preciso contar as histórias dos oprimidos, dos deserdados, dos desvalidos, que é preciso narrar o mundo do ponto de vista da realidade do outro, do que está fora do centro. Ser jornalista e partilhar dessa forma de construir o jornalismo é caminhar no mundo feito um semita. Sem pre-conceitos, esperando que o outro chegue bem perto, vendo o outro na sua multiplicidade, ficando face-a-face com o outro. É a apropriação de uma forma de ver o mundo que se coloca de forma justa, digna, ética e poética.

E como fazer isso? É simples! Basta que se esteja preparado para olhar o mundo com os olhos da alteridade. Que ao sair do jornal, da tv ou de qualquer órgão onde se esteja trabalhando, para depois contar uma história, que se possa estar preparado para o encontro com o outro, diferente de nós, mas absolutamente real. Já sabemos que carregamos conosco nossa “mala”, repleta de pré-supostos e pensares sobre o mundo. Por isso, o que fará jornalistas libertadores será justamente a capacidade de realizar este encontro: **o rosto de um ser, diante do rosto de outro ser, livres**. Saber ouvir o outro, saber encarar o outro, apesar de todas as diferenças. Isso dará o tom de um jornalismo libertário, já que ele jamais será imparcial.

Se tivermos a capacidade de simplesmente ouvir o diferente, a vítima, o oprimido, e narrá-los, então estaremos construindo este jornalismo com o qual alguns ainda sonham: solidário, trans-humanista, despido de pré-conceitos. Estaremos dando ao fato a mais verídica interpretação possível, ou seja, colocando no texto o máximo de olhares que viram o fato, sempre a partir deste conceito de alteridade que supõe uma abertura para o outro, diferente, mas real.

Supostos do jornalismo libertador

Vale lembrar então, alguns dos elementos desta quase-teoria, ainda em gestação, mas que vem *suleando* (ver a partir do sul) o trabalho que desenvolvo há anos, no âmbito da sala de aula e nas comunidades, em comunhão com dezenas de alunos e gente do povo. O primeiro é **olhar o mundo a partir do ponto de vista local**. Analisar e refletir toda a realidade que cerca a comunidade, desvelar seu contexto, saber como essa comunidade nasceu, quais são suas referências, qual o papel que representa no todo municipal, quais sonhos e desejos embalam seus moradores, quais os nexos que formam com o estadual, com o nacional, com o continente e o mundo, enfim, um retrato do visível e do invisível.

O segundo elemento da teoria é **o ser**. No *jornalismo libertador*, a *fonte* é vista de forma muito diferente do conteúdo funcionalista. Ela não é objeto, é sujeito. Deixa de ser chamada de *fonte*, conceito que a coisifica e passa a ser tratada como ser, real, com nome e sobrenome. Na proposta do *jornalismo libertador*, aquele que repassa informação, que conta uma história, que entrega

sua dor, seus sonhos, sua vida, nas mãos de um repórter, precisa ser visto na sua inteireza. Deve ser tratado como sujeito, como com-panheiro, partilhador de caminhada. E aí se estabelece uma outra relação, amorosa. Mas não no sentido do amor sentimento, que se esgota. E sim, como ensina Dussel (1998), no caminho do amor compromisso, na ética de libertação. Assim, o *jornalismo libertador* é aquele que é capaz de pensar o outro como outro, aberto à diferença, sem pre-conceitos, vendo o outro na sua multiplicidade, ficando face-a-face com ele, dando nome e historicidade.

O terceiro elemento é o **próprio jornalista** que precisa se re-fazer. Deixar para trás toda a casca construída sobre bases funcionalistas, objetivistas, impessoais. Trabalhar na perspectiva da libertação supõe um homem e uma mulher diferentes, capazes de conspirar da beleza que é se comprometer, se envolver, partilhar. Isso não significa perder de vista a objetividade dos fenômenos que são narrados, mas, conforme Genro Filho (1987), também não impede que se tenha claro que qualquer fato mediado pelo olho humano está carregado de subjetividade. É mais ou menos como estar sempre segurando as rédeas do yin e yang, da sombra e luz, da objetividade e subjetividade, trabalhando no equilíbrio necessário. Jornalista libertador tem posição, atitude, toma o partido da vítima, mas não deixa de narrar a vida contextualizando e interpretando, desvelando a beleza e a dor, a luz e a sombra, dando ao leitor o direito de saber quem ele é e o que defende. E mais, dando ao leitor também a condição de sujeito. Aquele que lê sobre o fato narrado a partir de vários pontos de vista e, assim, pode tomar posição, interpretar e estabelecer nexos.

É certo que este é um grande desafio, porque estaremos sempre lidando com nossa bagagem cultural, ideológica e, às vezes, até com a falta dela. Em muitos casos, o fato de não termos posição diante das coisas do mundo, faz com que aceitemos a primeira opinião que nos chega. Daí a necessidade de o jornalista saber **ler** o mundo onde está inserido, e interpretá-lo, como já ensinava Paulo Freire. O jornalismo contemporâneo, espetacularizado, que infesta TVs, jornais e revistas, não supõe um visão libertadora e isso é óbvio. Não é intenção de quem domina a informação, libertá-la, criar conhecimento. Cabe a nós, jornalistas, esta tarefa quase impossível. Eu disse quase.

E aí podemos reproduzir aquela velha estória do beija-flor que tentava apagar um enorme incêndio na floresta carregando pingos d'água no bico. Ele não só estava fazendo a sua parte como estava incentivando os outros para que fizessem o mesmo. Esta é a tarefa do jornalista libertador. Carregar pingos d'água no seu texto, até que um dia os demais jornalistas possam conspirar desta beleza que é ver o mundo com o olhar da alteridade, capaz de divisar o outro como outro, real. Capaz de espalhar o germe da solidariedade, da beleza que há no outro, o germe da transformação. O *jornalismo libertador* pressupõe um jornalista diferente. O mundo dito pós-moderno nos chama à competitividade, ao individualismo exacerbado, ao vale-tudo, daí, pensar em como fazer jornalismo dentro dessa realidade implica, necessariamente, pensar o *ser* que o faz. Já basta de jornalistas apáticos, amebas sem posição diante do mundo.

Elaine Tavares

O jornalista libertador precisa re-inventar o jornalismo no contexto de seu tempo. Numa época de celulares, *e-mails*, *internet*, *computers*, é mais do que necessário humanizar as redações, tirar o pé da salinha quente e cair no mundo real. Estar na vida, vendo, narrando e interpretando é a sua tarefa.

“Para aprender a voar
Não basta um único
Golpe de asa.”
Nietzsche

III

O jornalista como ser poético e amoroso

Sempre me lembro de uma antiga história egípcia que meu irmão conta, repetidas vezes, nas madrugadas de café e pão-com-manteiga na cozinha da casa de meu pai. Ela fala que, naqueles tempos dos faraós, contava-se que as pessoas quando morriam eram levadas até a ante-sala do Deus Supremo. Ali, só existia uma balança com dois grandes pratos. Em um deles, uma deusa colocava o coração do morto. No outro prato, outra deusa colocava uma pena de galinha. A condição para que o morto entrasse na glória eterna e partilhasse da vida amorosa do céu era unicamente de que os pratos da balança não se movimentassem. Quedassem no equilíbrio.

Penso então que é por este teste que deveriam passar todos os jornalistas, aqui, em vida, antes de entrarem para trabalhar num órgão de comunicação. Pois, para dizer o indizível e caminhar no mundo com um olhar *semíta* é preciso muita leveza no coração, capacidade de superar os preconceitos, para aceitar o outro como outro, para entender a delicadeza da espécie humana que vão narrar.

O jornalista de que precisa o mundo dito pós-moderno - vazio de sentido e individualista - é um ser poético, que vá para além do humano, que consiga enxergar o que há de singular nos fatos, que ultrapasse a barreira da *normose* (a normalidade dos fatos), do igual. O ser poético é aquele que tem como pressuposto uma posição ética sempre à serviço da vida, da beleza, da festa, não apenas para alguns, mas para todos. Se isso é utópico ou até mesmo irreal, não importa. Sonhar ainda é a única capacidade que nos diferencia dos demais animais, que nos torna animais dotados de razão e sensibilidade, que nos faz ponte para o que há de vir, melhor que o humano, além do humano.

E esse ser poético que o jornalista libertador deve ser, precisa ainda dar um passo além, caminhando na vereda da ética. Ou seja, não seguir as normas morais que o sistema opressor indica como boas, mas sim deixar-se guiar pelas necessidades do oprimido, da vítima, do que está fora do centro, do que luta contra a

dominação. Loucura? Perda de senso? Pode ser. Num mundo como esse em que vivemos hoje, em que um precisa morrer para que o outro viva, já não dá mais para se pensar em como ser bom dentro do sistema. O jornalista não é um ser fora do mundo, não está acima do bem e do mal. Ele é parte desse jogo e precisa tomar posição. Aquele que opta pelo caminho da libertação não pensa em melhorar o sistema opressor. Pensa em como sair dele, criar uma nova ordem.

Nesse sentido, é fundamental que se entenda que o jornalismo é serviço público e, assim, é bom que seja dito que só podem existir dois tipos de jornalismo. O que serve a uma minoria dominante (moral de dominação) e o que serve aos oprimidos, maioria da população (ética de libertação). E, quando falamos em servir à maioria, estamos falando em cons-piração (respirar juntos) com as comunidades oprimidas e dominadas, em estar junto com a população nos seus mais secretos sonhos de amor. Esse é o pressuposto do *jornalismo libertador* que se pratica em comunidades empobrecidas, aquele que cons-pira, que caminha junto, que se torna instrumento de transcendência, que dá visibilidade ao oprimido, não como o *marginal* (bandido), mas como o pobre, real e capaz de superar a sua condição. Na verdade, jornalismo é sempre jornalismo. O que muda é o local em que o fazemos e os meios com que o praticamos.

É impossível um jornalismo neutro. Por mais que não queiramos tomar posição diante dos fatos, nós a tomamos. Isso já vem da nossa formação. Temos acumulados dentro de nós valores, supostos e pre-supostos que vêm à tona ao nos depararmos com qualquer fato dado. Nós só narramos os fatos que os nossos olhos vêem. Nossos olhos, portanto, subjetivos. Logo, parciais, porque vistos a partir do nosso ponto de vista. Já dizia o mestre Adelmo Genro (1987), “nem um acidente de automóvel pode ser retratado com neutralidade ou imparcialidade”. Alguma coisa de nós vai fluir ao relatarmos o acontecimento. Então, este é um ponto básico. Estamos nos revelando a cada palavra que escrevemos. A tal da *objetividade* não é apenas um postulado impossível, é impostor. “Toda a verdade é subjetividade”, dizia Kierkegaard. Assim, não temos que ter medo de tomar partido, nunca. É muito mais honesto que o leitor saiba quem somos e em que acreditamos, para que possa tomar suas posições com tranquilidade, a partir do que sabe sobre nossas posições, do que fingir uma neutralidade inexistente, essa sim, capciosa e enganadora.

Há um vínculo essencial entre o ver e o ser. Dependendo da quantidade e da qualidade da luz que sobre as coisas projetamos, assim também as veremos. Assim, por mais objetivos que queiramos ou devamos ser, sempre haverá, em todos os nossos juízos e relações para com aquilo que nos cerca - o fato - um resíduo indelével do nosso próprio ser.

“Um exemplo claro disso pode ser tirado de nossa própria vida cotidiana: se estamos tristes, por exemplo, é como se um véu se interpusesse entre o mundo e o nosso olhar. O sol inunda tudo com seu brilho mas nós só vemos trevas, os pássaros cantam e nós não o percebemos. Isso significa que o homem não vê porque tem olhos, até porque há gente que tem olho e não vê mesmo. Na verdade, a

natureza nos dotou de olhos porque, na essencialidade, o ser humano é um visionário, capaz de ver com o sentimento, capaz de criar mundos nunca vistos, construir realidades jamais *oculadas*, amar o que os olhos nunca percorreram e encantar-se pelo apenas vislumbrado”, ensina o professor de filosofia Newton Tavares.

Ao fazermos jornalismo, seja onde for, precisamos ter presente a necessidade de ver os fatos com o olhar da alteridade, contemplar as coisas na sua origem, na essência, pelo lado de dentro. É necessário que se estabeleça um espaço entre o jornalista e o outro, dis-tinto, na qual cada um possa se ver frente-a-frente, sem medo. Olhar o mundo com os olhos do amor-compromisso é estabelecer uma relação intimista com os perdidos da história, os oprimidos. Mas não uma relação na qual tenhamos comiseração ou pena, não um gesto de filantropia enganadora. Os que estão à margem do centro opressor não precisam de nossa miseração. Ele precisam do nosso respeito. “Seus espaços não são lugares para o exercício da nossa piedade nem uma espécie de academia de musculação da nossa consciência que, às custas de sua miséria e desespero, nos torna virtuosos e bons”, dispara Newton Tavares.

Ele insiste que ocupar-se dos excluídos, caminhar amorosamente com eles, dar-se em comunhão, não é ter pena ou olhá-los em condolência, mas sim, cooperar para que lhes seja devolvido, no mundo, o lugar que lhes é próprio e do qual foram expulsos por uma ordem injusta e excludente. O *jornalismo libertador* caminha com essa gente, buscando as causas de seu desânimo e sofrimento, recordando-lhes sempre de sua dignidade inviolável. O *jornalismo libertador* busca a beleza no caos, não na tentativa de “dourar a pílula”, mas para provar que o humano é por si mesmo belo e que a *feiura* imposta pela dor e pela miséria não pode ser vista como *normalidade*. Assim, na narração das vidas que vivem à margem, o jornalista libertador desvela, com pertinácia e persistência, os mecanismos e interesses que as jogam para fora do mundo como se fossem dejetos, lixo, e, com elas, descobre novos modelos de convivência.

Mas, afinal, como se faz isso? Não acredito que exista uma fórmula pronta, uma receita de bolo, embora seja certo que há elementos *suleadores* (pensando a partir do sul, sempre) que podem ajudar na reflexão e no fazer. O primeiro passo, acredito, é desvelar o cotidiano que cerca o viver daqueles que estão à margem. Quando você vive de uma determinada forma, não tem tempo de refletir sobre ela, as coisas ficam mecânicas, automáticas. Então, imagine o que vive no limite das necessidades humanas, lutando pelo pão do dia. Este, não tem como chegar em casa, ao fim da tarde, e sentar na varanda refletindo sobre as coisas que fez. Não há tempo e, no mais das vezes, não há casa, nem varanda.

Já sabemos que só refletimos sobre o nosso cotidiano quando nos afastamos dele. Quando ficamos de fora olhando para aquilo que fazemos todo o dia é que percebemos a tragédia ou a beleza de que é feita a nossa vida. Assim, ao percebermos o que somos é que tomamos decisões. Se bela é a nossa vida, vamos continuar vivendo assim, do jeito que está. Se é trágica, vamos trans-formá-la, mudar seu rumo

O *jornalismo libertador* deve ter, assim, parte daquilo que quase sempre foi considerado o papel da arte. Precisa revelar/desvelar aos que vivem à margem do sistema, aos oprimidos, a sua realidade. No Brasil temos alguns programas de TV que se propõem a isso. Cidade Alerta, Ratinho, Gugu, são alguns exemplos dos que trabalham com o mote : a vida como ela é. Nesses espaços, a personagem central é quase sempre o pobre. Isso seria bom se eles mostrassem a vida como ela é de fato. Mas não é o que fazem. O recorte que dão é quase sempre o da marginalidade (como mal), reforçando estereótipos de que o pobre e o negro são, na maioria, ladrões, bandidos, assassinos. Ninguém nunca viu, nesses programas, as atrocidades cometidas pela e na alta sociedade, nos grandes salões e tampouco é ali que se sabe das roubalheiras dos colarinhos brancos de órgãos governamentais. Quando aparecem, surgem como casos isolados, quase uma exceção.

O pobre quer se ver na TV, no jornal, na rádio, mas na sua totalidade. Não apenas no lado *marginal*, que existe de fato. Isso o *jornalismo libertador* deve resgatar: o homem e a mulher comuns, na sua luta diária pela sobrevivência, retratando e problematizando as formas de organização que encontram para viver no mundo. O pobre não é unicamente ladrão ou assassino, ele é também biscateiro, servente, pedreiro, papeleiro, faxineira, gari, doméstica, trabalhador, artista, dançarino, criador de mundos. O pobre tem time de futebol, associação de morador, clube de mães, catequese, grupo de jovens, casa de cultura, capoeira, fábrica de pão.

A vida pulula nas comunidades de periferia. Os que estão à margem, nas vias secundárias, vivem em constante movimento, se organizando para superar a condição de perdidos da história, de objetos, e é esse movimento que o jornalista precisa também registrar. Se o pobre é ladrão, qual a causa disso? Ninguém é ladrão assim, por acaso. Isso não acontece do nada. Lembrem-se: todo o fato tem uma razão e uma consequência. Isso temos que mostrar se estamos fazendo jornalismo em jornal, TV, revista ou rádio.

O *jornalismo libertador* não é uma proposta para se colocar em prática unicamente na imprensa comunitária e popular, ele pode se fazer também nos grandes meios. **O que está em jogo não é o local onde o praticamos, mas a forma de olhar o mundo.** Se estamos num grande jornal não estaremos falando para o povo todo, mas para uma minoria privilegiada que lê jornal. Aí, nesse veículo, nossas matérias devem tratar da organização dos que estão fora do centro num recado curto: “olhe, o povo está em luta. Antene-se!” A elite sempre teve muito medo do povo, daí a necessidade de mostrarmos que as comunidades não estão apáticas diante da realidade injusta e excludente da vida digna. Isso vai incomodar os donos do poder.

Se é na TV que trabalhamos, então devemos mostrar o povo pobre como um povo que se organiza, cria cultura, luta para sobreviver, que se move em

direção à mudança. Chega de matérias ditas comunitárias nas quais o repórter se limita a mostrar gente chorosa e reclamações de buracos e falta de água. Se há buracos ou falta d'água, que se mostre a organização das pessoas em busca de seus direitos. Quando o assunto é marginalidade, roubos, assassinatos, devemos ter o cuidado de contextualizar essa marginalidade, que não surge do nada. Por que são marginais? Por que roubam? Por que matam? Nada é por acaso!

Mas, se escolhermos o caminho de praticar o jornalismo nas comunidades temos que ter claro de que esta prática envolve muito mais coisas que um simples "fazer jornal" como muitos pregam. Nas comunidades empobrecidas o número de analfabetos é assustador e a comunicação deve beber em espaços alternativos. Quem se propõe a trabalhar com a informação nos meios comunitários/populares deve estar preparado para se surpreender. Boa parte das vezes a própria comunidade já definiu suas formas de comunicação e este é o grande segredo.

É preciso estar em sintonia com os anseios da população e trazer, fundamentalmente, um novo olhar, de amor, de alteridade, de respeito. Isso, com certeza nos fará, não só melhores jornalistas, como melhores pessoas, capazes de transitar no mundo de uma forma mais digna. Não dá para chegar num determinado lugar feito "a grande esperança branca", achando que nós, por sermos jornalistas e termos estudado numa faculdade, somos os que sabemos tudo. Há que se ter humildade para saber que aquele povo ali, numa determinada comunidade, sabe muito mais de si mesmo do que qualquer um. O jornalista é só um mediador, aquele que vai oferecer sua técnica, seu saber, a serviço de uma causa maior.

O jornalista que opta por um trabalho na comunidade tem que saber de sua desimportância, precisa ter consciência de que é passageiro, que não é ele o carregador do estandarte da mudança. Ele é só um a mais na construção, não como peça funcional, mas como um nó de uma imensa rede que vai pescar a dignidade, a justiça, a vida plena. O trabalho do jornalista na comunidade é dividir o conhecimento, fomentar o interesse pela comunicação, ajudar na formação de grupos criadores de comunicação, construir, conjuntamente, políticas para essa comunicação. Depois, quando tudo andar sozinho, ele deve recolher as mochilas, bater o pó das sandálias e partir para outras paragens. Somos poucos os que ousamos caminhar com os pobres. Somos muito poucos, daí nosso caráter andarilho e a nossa impossibilidade de ser o "herói", o "conductor"... somos os passageiros...os que têm como única morada o absurdo e louco desejo de mudar o mundo. Um nó da rede, nada mais.

"O mundo dos felizes é diferente do mundo dos infelizes", dizia Wittgenstein. É com esta máxima que temos que olhar a realidade humana, sabendo discernir as diferenças, respeitando-as, tratando-as em pé de igualdade. Já escolher o mundo onde vamos querer transitar e fazer nosso trabalho, é opção de cada um...

*“São as palavras mais silenciosas que trazem a tempestade.
Os pensamentos que vêm com pés de lã
dirigem o mundo.”*
Nietzsche

IV

A opção pela prazerosa viagem na margem popular

Se o jornalista decidiu que a sua viagem nesse mundo vai ser pelo mundo dos “infelizes”, dos que estão à margem e prescindidos, então é preciso botar a mão na massa. Este trabalho tem a simples proposta de ajudar a estes “passageiros” na difícil tarefa de fazer comunicação nas comunidades, sob o ponto de vista libertador. As dicas que seguem fazem parte de um aprendizado de longos anos. Nada é novo. Cada forma de comunicar que está exposta neste livro já foi produzida em algum canto desse país ou da Latino-América por dezenas de outros jornalistas e agentes comunitários.

A intenção é juntar aqui, algumas delas, para que possam servir de ponto de partida para os “aventureiros”. O certo é que, na caminhada, junto com as comunidades, cada jornalista ou agente de comunicação popular, vai encontrar sua própria maneira de fazer as coisas, criar formas renovadas, aprender novos segredos.

A minha intenção com este texto não é apresentar “receitas de bolo” mas, solidária e amorosamente, compartilhar com outros visionários feito eu, algumas experiências já vividas, fundamentais para incontáveis comunidades, que descobriram a beleza desta aventura que é libertar e partilhar a informação, a magia do sabor do conhecimento, o segredo das palavras que andam.

Não tenho a pretensão de, ingenuamente, achar que “o povo”, ao ter nas mãos as mínimas condições para criar informação, pode, a partir daí, fazer jornalismo. Entendo que o jornalismo tem uma especificidade técnica e teórica que deve ser apreendida, discutida, burilada e modificada. Mas, creio piamente que o direito à informação acaba sendo primordial e necessário se quisermos efetivamente mudar o mundo onde vivemos. E, considerando que os grandes

meios de comunicação não passam à maioria da população as informações necessárias para fazer evoluir o germe da mudança, vejo como absolutamente necessária a comunicação alternativa, popular, feita nos caminhos secundários e marginais.

Tampouco acredito que só com ela vamos mudar o mundo. Não! Mais do que nunca é preciso se apropriar dos grandes meios, fazer com que eles trabalhem na direção de um tempo novo, sob a ótica dos interesses da vida digna, amorosa, ética, poética. Mas é preciso caminhar nessa direção e, nesse sentido, os nichos populares podem ser alavanca para a transformação. Não sonho com a diminuição da pobreza, com menos injustiça nem com menos sofrimento. Sou modesta como El Che, o comandante. Quero o impossível. Sonho com o fim da pobreza, com a justiça plena, com a distribuição da riqueza e nenhum sofrimento e é na direção desse ainda-não que enfundo minhas velas. São utopias sim, mas essas que fazem a gente caminhar. O jornalismo e os jornalistas podem ajudar nessa caminhada, podem ser a ponte para o tempo novo, para uma nova humanidade que ultrapasse o humano vil, sórdido, injusto, e que acorde novas auroras, caminhando efetivamente para o grande meio-dia.

O que segue são experiências vivenciadas que podem ser melhoradas, espalhadas, acrescidas de outras. Fique à vontade! Aperte os cintos e embarque nesta viagem sem volta, porque absolutamente prazerosa, saborosa e cheia de encantos. Nada pode ser melhor do que olhar para trás e ver as palavras andando...o rastro da poeira que levantam na mágica missão de mudar mundos, de provocar a beleza, de incendiar corações. Nada é mais belo do que o levantar de poeira de uma palavra que anda, de uma idéia que voa! Faça a sua parte...ponha as palavras para andar....

O que é a notícia popular

Vivemos num planeta em que quase tudo parece ter se globalizado. A Internet liga mundos, a sociedade é apresentada como uma rede de nós eletrônicos, de pessoas conectadas por computadores. Gente que compra via Net, que ama via Net, que trabalha via Net. Os teóricos afirmam que não há escapatória, todos estamos enredados neste mundo virtual e a vida parece impossível sem a presença dos computadores. Vivemos a sociedade dos fluxos, da informação. Mas será mesmo?

Bom, não dá para negar que existe uma parte da comunidade humana metida na rede informacional, tecnológica, virtual. Mas este é um planeta grandioso, de quase sete bilhões de habitantes, no qual uma grande parte, talvez a maioria, se vê excluída de todas as “belezas e delícias” da sociedade em rede. Basta abriremos a janela de nossas casas ou de nossos “apartamentos/túmulos”, e pronto: nos deparamos com a realidade. Que é bem menos cor-de-rosa do que a “vida limpa” que se vive via Internet. E esse mundo que se vê da janela, o mundo dos espaços da vida cotidiana real, não está na rede. Nem retratado, nem ligado.

Há um número gigantesco de pessoas que sequer tem acesso ao jornal da cidade onde vivem. Imaginem os sertanejos perdidos nos sertões do Brasil, os moradores das grandes favelas, os que estão jogados nas vias marginais, os acampados nas beiras de estradas, os perdidos da história. Há um povo imenso precisando conhecer as coisas do mundo para, quem sabe, mudá-lo. Informações que eles não vão acessar na rede. Eles precisam saber o dia da vacinação dos seus filhos, da abertura do posto de saúde, dicas mínimas de higiene, de como acondicionar o lixo, de como anda a fábrica de sabão do bairro, as promoções da padaria, as ações da associação de moradores, os conflitos com a prefeitura, a falta de moradia, os problemas de esgoto, a falta de luz. Este é o mundo real. Essa é a notícia que pode fazer a diferença.

Não interessa, em última análise, saber que nasceu um panda na China e que o presidente russo está internado outra vez. A menos que se explique qual a relação que isso tem com o cotidiano e em que isso vai influir na vida de cada um. Esse é o segredo do que poderíamos chamar de *jornalismo libertador*. Numa determinada comunidade, que vê o mundo a partir das antenas da Globo, é preciso levar a informação que interessa a ela e que não sai na TV nem no jornal. E mais, é preciso fazer a ligação daquilo que aconteceu no mundo, no país, na cidade, com o seu dia-a-dia, para que as pessoas possam, enfim, compreender a notícia que apareceu no jornal da noite. Perceber, por exemplo, que a crise da Argentina, que parece ter acontecido por obra de algum espírito maligno é, na verdade, obra humana, fruto de políticas equivocadas, praticadas a mando de organismos internacionais que estão se lixando para a vida que vive naquele país.

A notícia popular tem que dar conta do mundo da comunidade e interpretar o mundo a sua volta ligando-o com o seu cotidiano. Tem que falar do posto de saúde, dos horários de atendimento, datas de vacinação, do dia que tem dentista no posto, de como se faz para tirar a carteira de identidade, a carteira de trabalho. A notícia popular precisa falar das promoções do boteco da esquina, do bazar de caridade promovido pela igreja, dos negócios criados na comunidade e que estão prosperando. A notícia popular precisa falar das pessoas da comunidade, desvendar seus perfis, seus trabalhos comunitários, precisa passar a agenda da Associação de Moradores, dias de reuniões, pautas de discussão, as lutas que trava com o poder público.

A notícia popular também deve buscar informações sobre a cidade, ações da prefeitura, fazer as ligações daquela ação com a vida da comunidade. Precisa contar o que anda acontecendo no mundo mas sempre cuidando de ligar com o cotidiano de cada um. Se a bolsa de Nova Iorque quebrou, e provocou todo um estardalhaço no jornal da noite, o que isso vai provocar na vida da comunidade? Por que é importante saber desse assunto e por que ele assusta tanto aos poderosos?

A tarefa do jornalismo que se pratica no meio popular/comunitário é inserir as pessoas no universo das notícias que elas ouvem e vêem, muitas vezes sem entender o real significado. É decodificar os segredos, a linguagem empolada e difícil dos jornais, revistas e até da TV. Fazer comunicação popular é falar uma

*“De quanto se escreve,
só amo o que alguém escreve
com o seu sangue”.*

Nietzsche

Prefácio

Este trabalho é uma comunhão. Nasce de um desejo amoroso de compartilhar um caminho que venho trilhando há duas décadas. Caminhos de estradas de chão, veredas secundárias, pedregosas, longe do asfalto, da abundância, dos gabinetes. Estradas que, justamente por serem secundárias, guardam buracos escuros, sujeira, solidão, sangue, dor, mas que, ao mesmo tempo, guardam belezas jamais vistas, escondem segredos vitais para a felicidade, a alegria, a utopia. Lugares onde as flores desabrocham a despeito de tudo, onde a solidariedade é concreta e a fraternidade real.

Fazer jornalismo longe das câmeras das grandes redes, fora dos grandes jornais, pode ser uma aventura prazerosa ao extremo, despertar os mais escondidos desejos de transformação, modificar para sempre a vida de um ser humano. Não que eu acredite que o jornalismo feito nas margens possa, por si só, transformar o mundo, mas o fato de levar a informação aonde ela custa a chegar - ou não chega nunca - já é uma pequena revolução. Às vezes, para uma mulher que tem um filho pequeno, saber que o dia “tal” é dia de vacina, e que isso é de fundamental importância, pode fazer a diferença entre a vida e a morte.

Este pequeno livro traz algumas reflexões no plano da teoria. Nada muito sofisticado, com longas citações ou pés de páginas. Tudo que aqui está escrito não foi pescado com as redes da ciência, como diria Rubem Alves. Não é tese, nem dissertação. É fruto de dias e dias a observar a realidade, a pensar sobre ela,

linguagem “entendível”, clara, sem enrolações. É trazer para a comunidade as informações mínimas sobre o que anda acontecendo naquele espaço em que vive, e suas relações com a cidade e o mundo.

Nesses tempos em que a informação está disponível numa abundância de veículos e canais, o jornalista libertador precisa ter a sensibilidade de saber que a coisa mais importante para uma comunidade é conhecer os temas que vão fazer a diferença no seu dia-a-dia. Um pequeno cartaz na porta de um bar alertando para o dia da consulta do oculista no posto de saúde do bairro pode ser uma atitude revolucionária nos lugares onde a cidadania agoniza e as informações básicas inexistem.

Como construir a notícia

Existem algumas regras que são básicas na construção da notícia e é por elas que vamos começar. Depois de dominá-las podemos fazer o que quisermos e então melhorar, embelezar e transformar o texto. Mas, para início de conversa vamos passar ao trivial. No jornalismo tradicional, faz-se uma notícia respondendo seis perguntas: **quem, o que, quando, onde, como, por que**. A elas vamos acrescentar mais uma, proposta por Armand Matellard, que consideramos fundamental: **e daí?**

Numa notícia popular, se conseguirmos responder a estas sete indagações já teremos feito muita coisa. Com o tempo e a prática pode-se ir melhorando a confecção da notícia, deixando-a mais atrativa para o leitor/espectador/ouvinte. O segredo é a gente narrar o fato como quem conta uma história, para ficar mais próximo da linguagem popular. Tão antiga quanto o ser humano, a história é o meio mais tradicional de perpetuação de valores, tradições, culturas.

Através das histórias, a cultura popular tem sobrevivido, mesmo sofrendo ataques e mutilações. Ao longo dos tempos, apesar de os poderosos insistirem de que tudo o que o povo produz é “vulgar” e das tentativas de destruição, essa cultura resiste, subverte, provoca e mais do que nunca é nosso papel manter viva essa forma de comunicação. É certo que muito dos mitos e tradições cristalizados pelas “histórias” são conservadores e paralisantes. Mas, quem garante que a gente não possa se apropriar da “técnica” dos contadores de histórias para revolucionar, transformar? Esse é o nosso desafio.

Um estudioso mexicano chamado Jesús Martín-Barbero fez um estudo muito bonito sobre a cultura popular e todo comunicador que se propõe a caminhar por esses caminhos deveria ler o seu livro ***Dos meios às mediações*** para entender como essa cultura sobrevive e como ela é importante para a maioria da população. Segundo ele, ao longo dos tempos, a cada ação dos poderosos no mundo da cultura, os dominados encontram saídas, alternativas para furar os bloqueios, para fugir a manipulação e muitas vezes se apropriam das “técnicas” criadas pelos senhores para produzir a revolta.

É nesse sentido que salientamos a importância dos relatos em forma de história para a compreensão e assimilação das mensagens. Assim tem sido desde os tempos imemoriais nas sociedades antigas, onde as pessoas sentavam-se à beira das fogueiras a contar histórias que reproduziam todo o modo de viver de uma comunidade. Também podemos trazer como exemplo as milenares histórias orientais que encerram em poucas palavras toda uma compreensão de mundo, até hoje decifradas e amadas.

Exemplo de uma notícia popular

Pandorga gigante é empinada na comunidade Chico Mendes

(Quem?) André Felipe da Silva, um menino de 14 anos, morador da rua Luiz Linhares,(o que?) ergueu (quando?) ontem, exatamente ao meio dia, a maior pandorga de que já se teve notícia na comunidade (onde?) Chico Mendes.

(Como) Ele trabalhou na pandorga durante um mês inteiro e conseguiu montá-la depois de juntar dinheiro, durante seis meses, engraxando sapatos no centro da cidade. Com os trocados que ganhou comprou papel de seda de várias cores, varetas, cola e barbante. Por trinta dias inteiros André construiu a pipa que ficou com seis metros de comprimento.

(Por que?) A idéia nasceu de sua observação diária dos meninos da rua, que não perdem a oportunidade de fazer uma pandorga, com qualquer material, desde papel de embrulho e folhas de caderno até saquinhos de supermercado. “Eu queria que eles pudessem ter uma grande pandorga, a mais bonita”, disse o garoto.

(E daí?) Quando chegou no bar do seu Maneca com a pandorga propondo a toda a gurizada que fossem erguê-la, André provocou o maior alarido. Nunca se viu tanta alegria na comunidade. Foi como se o Papai Noel tivesse trazido o melhor presente. E nem era Natal. Durante todo o dia a pandorga ficou no céu, com a linha sendo revezada por todas as crianças. Através da atitude de André, foi resgatado um sentimento único, a solidariedade, coisa rara nesses tempos em que cada um só pensa em si mesmo. Segundo os garotos e garotas da Chico Mendes, a pandorga vai ser guardada na sede da Associação de Moradores e deverá ser erguida todos os domingos, numa festa que promete não ter fim.

A gente pode até pensar, mas o que tem demais erguer uma pandorga na comunidade? Ora, o que está em jogo aqui não é a pandorga em si mas a atitude de um menino, que usou seus poucos recursos para unir outros meninos e meninas numa festa. Se isso é possível com uma pandorga, então fica a pergunta: o que não podemos fazer de grandioso, para mudar as condições da nossa vida se a gente se unir em torno de um propósito? Vamos pensar nisso!

*“Condições de palácio tem qualquer terra larga,
Mas onde estará o palácio se não o fizerem ali?”*

Fernando Pessoa

V

O que se pode fazer nas comunidades

Muitas são as opções de trabalho na área da comunicação dentro das comunidades. Mas é sempre bom lembrar que os veículos criados para divulgar informações de interesse da maioria devem levar em consideração o perfil e os desejos da comunidade. Não adianta fazer jornal, por exemplo, num lugar onde a maioria não sabe ler. É fundamental que as pessoas possam, por si mesmas, decodificar as notícias e as informações. Nesse sentido, é preciso estar ligado na melhor maneira de divulgá-las. Aqui apresentamos algumas possibilidades que podem ser reinventadas a partir da experiência de cada um, sempre trabalhadas na senda do jornalismo libertador.

Jornal do poste

O que é - Este é o tipo de veículo que funciona bem para informações rápidas. É barato e bastante acessível. O importante é saber se o público ao qual ele vai ser dirigido está alfabetizado e apto para compreender sua mensagem.

Um jornal de poste pode ser feito em folha A3 e colado nos postes onde as pessoas costumam ficar paradas por algum motivo, como esperar o ônibus, por exemplo. Enquanto estão ali, sem fazer nada, vão absorvendo informações sobre a comunidade. É muito importante mesclar informações locais, da comunidade em si, com informações do que está acontecendo em nível de município e que possam, de algum modo, repercutir na vida dos cidadãos daquele lugar. Também não dá para esquecer de colocar informações sobre fatos que ocorrem em outros lugares do mundo, sempre fazendo a ponte com a vida real, cotidiana.

A idéia é sempre lidar com o cidadão, não como um alienado comunitário, ou seja, como alguém que deve saber só do que acontece em volta do seu umbigo. O leitor precisa adquirir uma visão de cidadão do mundo. Se os EUA destruíram o Iraque por causa do petróleo, em que isso vai afetar a vida daquela pessoa e de toda a comunidade? Quais os interesses que estão em jogo e que podem repercutir no seu dia-a-dia? Essas são as ligações que devem ser feitas.

Também é bom trabalhar sempre com informações culturais, esportivas etc... o morador daquela comunidade também tem time de futebol, gosta de música, de televisão, enfim, o jornal tem de atender o leitor na sua universalidade.

As pautas que vão dar vida ao jornal devem ser sempre discutidas com o grupo que for formado para desenvolver a tarefa. É absolutamente imprescindível ouvir as pessoas da comunidade sobre o que gostariam de ler no jornal. O veículo de uma comunidade tem que ter a cara da comunidade.

Como fazer - Isso vai depender do tipo de comunidade e dos recursos que tem, mas é fundamental que seja formado um grupo responsável pelo desenvolvimento do projeto. Nestes tempos bicudos em que adolescentes estão perdidos, sem sonhos e entregues ao narcotráfico, seria bom se fossem os jovens os convidados para o projeto. Isso daria ânimo, seria divertido, e poderia até provocar a descoberta de uma profissão.

O jornalista teria o papel de ensinar “como se faz”, sempre cuidando para não ficar apenas na técnica, mas trabalhando com conceitos e supostos filosóficos, éticos, solidários, amorosos e cooperativos. O ideal é ter um grupo fixo, uma espécie de redação, com reuniões periódicas para discutir as pautas. Tudo deve ter prazos rigorosos. E a cada edição de jornal, a reunião de pauta deve ser precedida por uma avaliação da última edição. É sempre discutindo o que deu errado, o que não provocou o esperado, ou o que provocou o inesperado que se vai melhorando o veículo.

Se há possibilidade de um patrocínio, então é possível fazer no computador, com uma boa editoração gráfica. O ideal é que seja em A3, um tamanho de folha que não é muito pequeno nem muito grande e que pode ser colado no poste sem que fique sobrando. Depois de pronto, leva-se a uma gráfica para que possa ser impresso, ficando assim com mais qualidade. Pode-se usar cor ou não, tudo depende da proposta editorial e dos recursos disponíveis.

Se a comunidade não tem dinheiro para um projeto assim, uma vez que o valor de custo teria de ser repetido semanalmente ou a cada 15 dias, é possível fazer o processo de forma mais artesanal. Se não há computador, escreve-se com uma máquina de escrever qualquer, em letras graúdas, ou mesmo à mão. Para montá-lo graficamente, vai-se usando a criatividade, fazendo colagens das matérias escritas e das fotos programadas para o jornal. Depois, faz-se fotocópias. Pode não ficar tão bonito mas o importante sempre é a informação. Não que não devamos levar em conta a beleza do jornal, isso também é importante e necessário. Mas se não há dinheiro, a falta de beleza não pode servir de desculpa para não fazer acontecer. E depois, quem disse que um trabalho artesanal não pode ficar belo? Há que se buscar sempre esse equilíbrio. Todos nós amamos a beleza e os nossos olhos sempre se encantam com ela.

Onde colocar – O ideal é distribuir os jornais em lugares nos quais as pessoas não apenas circulem, mas em que fiquem paradas, para que o jornal possa

convidá-las à leitura. Postes que são pontos de ônibus ou ficam próximos de algum, paradas de ônibus, dentro do ônibus que faz a linha para a comunidade (é possível fazer um acerto com a companhia, que pode, inclusive, financiar o projeto), bares da comunidade, armazéns, supermercados, portas das igrejas, manicure, cabeleireira, lojinhas da comunidade.

Periodicidade – Tudo vai depender dos recursos financeiros, mas um jornal deste tipo é bom que fique pelo menos por uma semana num determinado lugar. O importante é que uma vez definida a periodicidade, ela se mantenha. As pessoas precisam saber que toda segunda-feira, por exemplo, um jornal novo estará no poste. Isso cria um vínculo amoroso com o jornal, uma espera que não deve ser decepcionada sob qualquer pretexto.

Jornal Mural

Este tipo de veículo, a exemplo do *Jornal de Poste* deve ser colocado em lugares de grande circulação de pessoas. Uma boa dica é usar o que já existe como espaço reconhecido para avisos e outras informação tal como o grande quadro que sempre tem nas entradas das igrejas e que transmitem informações sobre missas e proclamas de casamento. Uma conversa amigável com o padre ou o pastor pode resultar num bonito e eficiente ponto de difusão da informação. Como as pessoas já estão acostumadas a olhar para o mural em busca de horários de missa ou para saber se fulano vai se casar, não vai ser difícil criar uma cultura de proliferação de notícias de interesse da comunidade.

De qualquer maneira outros espaços podem ser utilizados para a confecção de um jornal mural, tais como feiras de verduras, supermercados, bar da esquina ou até algum espaço na praça central. O que importa é que por ali circulem pessoas e que elas parem para ler.

Como fazer – A primeira coisa é formar a equipe que vai desenvolver o projeto. E aqui servem as mesmas dicas do *Jornal de Poste*. Envolver adolescentes é sempre boa idéia, eles têm dinamismo e criatividade mas, volto a frisar, tudo depende do perfil da comunidade. Às vezes já há grupos formados, desenvolvendo outras idéias e eles podem então ser geradores de mais esta proposta. O fundamental é que existam pessoas especificamente designadas para produzir o *Jornal Mural*, que exista um cronograma de trabalho, prazos etc....Uma vez que um veículo comece a circular é fundamental manter a sua periodicidade e sua cara editorial.

Os textos podem ser feitos usando o computador, máquina de escrever ou mesmo à mão. Os recursos financeiros dão o tom. Podem ser utilizadas fotos tiradas pelos membros do grupo ou mesmo fotos de revistas ou jornais. Também podem ser usadas matérias de jornais e revistas, desde que interessem à população. É claro que a informação produzida ali, pelos próprios membros da comunidade, vai ter um peso maior porque estará mais próxima da realidade local.

É bom não esquecer que a linguagem deve ser simples, mas nunca chula. Precisa ser entendida tanto pelas pessoas mais simples quanto pelos que têm mais estudo formal. O ideal é que sejam escritos textos curtos e que se dê bastante espaço para as falas das pessoas do lugar. Exemplo, se aumentou o valor da cesta básica, saber como a dona Maria, dona da quitanda, faz para sobreviver, o que ela pensa desse aumento. As pessoas que dão as informações devem ser prioritariamente locais e as coisas do mundo, do estado, da cidade, do bairro, devem ser repercutidas com elas. Este tipo de veículo é um dos mais baratos que existem, porque pode ser feito com o mínimo recurso. A forma que ele terá vai depender da criatividade de cada grupo.

Periodicidade – Este é uma trabalho relativamente fácil de produzir, mas a periodicidade deve se sempre definida pelo ritmo da comunidade. Pode ser semanal, quinzenal ou mensal, tudo vai depender da capacidade de produção do grupo responsável pela confecção do mural e do ritmo da comunidade. O certo é que, uma vez definida, ela se mantenha.

Rádio Comunitária

A Rádio Comunitária é um elemento muito importante para a democratização da comunicação e não é à toa que, no Brasil, houve um grande movimento para sua legalização. Sufocadas pelas rádios comerciais que atuam unicamente em função do mercado, e muito poucas vezes pensando no interesse público, as comunidades raramente se vêem reconhecidas ou retratadas nesses veículos. Quem aparece são as pessoas, na sua maioria pedindo música, sem qualquer atuação crítica perante a rádio ou os problemas da cidade.

Não cabe aqui contar como nasceram as rádios comunitárias, muita coisa já se escreveu sobre isso, existem vários livros, mas sempre é bom dar uma contextualizada. Elas nascem, justamente, na resistência a esse modelo mercadológico das rádios comerciais. Eram chamadas de rádio-piratas, porque invadiam o *dial* do rádio, sem qualquer permissão dos órgãos do governo. Mas, na verdade, de piratas elas nada tinham, porque como diziam seus mentores “não estavam atrás do dinheiro”. Num primeiro momento esse tipo de rádio surge com uma programação alternativa, músicas não comerciais, grupos políticos, movimentos culturais e outros.

Mas, pouco a pouco, vão sendo descobertas como uma alternativa de mobilização popular. Então, passam a crescer dentro das comunidades para dizer a palavra do povo dali, para contar de seus problemas, de suas lutas e das soluções que vão encontrando para suas mazelas. Nascem para democratizar a informação, para fugir do padrão “oficial” das notícias e dos interesses produzidos e incutidos pelas rádios comerciais.

Na maioria das vezes, as rádios comerciais representam interesses dos donos, do mercado, quase nunca o interesse público. Já a rádio comunitária pretende retratar os interesses da comunidade onde está inserida. Ela é feita por pessoas da comunidade e para a comunidade, seguindo os mesmo passos dos

demais veículos populares. As notícias precisam ser escritas pela equipe escolhida para fazer o trabalho jornalístico, deve-se usar fontes locais, pessoas da comunidade, sempre em contraponto com as fontes oficiais que forem necessárias para o esclarecimento de um problema. Por exemplo, se noticiamos a falta de água em uma determinada comunidade devemos ouvir as pessoas que estão sofrendo o problema, saber como estão se organizando para solucioná-lo e questionar a autoridade responsável para ouvir o que está sendo feito.

Como fazer – A primeira coisa é criar um grupo responsável pela criação do veículo e depois pela sua produção e programação. Como nos demais veículos já retratados é sempre bom envolver adolescentes que curtam a idéia de fazer rádio. Tudo que é feito com amor e paixão sai sempre melhor.

Depois de formado o grupo e definido o perfil da rádio, é hora de partir para a concretização da parte técnica. É necessário comprar o transmissor, a aparelhagem de som, os discos, gravadores e tudo o mais que for necessário. A lista completa pode ser conseguida junto à Associação Brasileira de Rádios Comunitárias (Abraco) que está sempre disponível para ensinar como se monta uma rádio e quais os equipamentos necessários, dependendo do valor que a comunidade quer e pode investir.

Instalados os equipamentos, é tempo de definir uma programação e aí vai da criatividade e do desejo da comunidade na qual a rádio vai funcionar. Também é bom definir quanto tempo a rádio vai ficar no ar. Os ouvintes têm que ter a certeza de que num determinado horário, faça chuva ou faça sol, sua emissora estará transmitindo. É isso que cria o vínculo e o hábito.

É muito importante que, na programação, além dos tradicionais programas musicais, haja um investimento na informação e no jornalismo. As pessoas têm necessidade de saber o que está acontecendo e, numa rádio comunitária, o olhar sobre os fatos é o olhar de quem está inserido na comunidade. Aí voltamos aquela velha fórmula da informação sobre o dia da vacina, sobre a promoção do armazém, sobre as lutas implementadas pela Associação de Moradores, sobre o festival de pandorga, enfim, coisas que digam respeito àquelas pessoas, que tenham ligação com sua vida real.

É necessário escrever notícias sobre a cidade, o país e o mundo, sempre com um ponto de vista que não é o dos grandes veículos. Daí a necessidade de que os textos sejam produzidos pelo corpo de redação da própria rádio e não sejam copiados de jornais e revistas que, geralmente, reproduzem o ponto de vista dos poderosos, do oficial. Podem ser produzidos noticiários de hora em hora ou programas especiais de notícias, programas de entrevistas e bate-papo com os ouvintes sobre problemas da comunidade.

É claro que a formação desse grupo de redatores necessita de mais tempo e mais trabalho, mas é absolutamente necessária. O fato de serem moradores da comunidade vai permitir que a linguagem utilizada seja acessível e familiar, provocando maior proximidade e identificação.

Alto falante

Este sistema de comunicação é, na verdade, uma rádio comunitária, só que não transmite sua programação através do dial, do rádio. Ela é feita através de alto-falantes estrategicamente colocados em pontos da comunidade. Normalmente, o ponto central é uma praça ou uma igreja e ali são colocados alto-falantes, dos quais, num determinado momento, em horário definido e divulgado, vai brotar a voz de um locutor com notícias sobre a comunidade, músicas, recados etc...

A diferença em relação à rádio normal é que não pode funcionar o dia inteiro já que não dá opção a quem não quiser escutar. Então, o projeto deve ser amplamente discutido com a comunidade porque, de uma forma geral, vai intervir na vida de todos. Querendo ou não, serão obrigados a ouvir. É fundamental que haja um consenso para que não ocorram problemas depois.

O ponto positivo é que é extremamente mais barato do que a instalação de uma rádio normal. Como não precisa de transmissor, as despesas serão apenas com os alto-falantes, fios e um aparelho de som comum. Para as comunidades com mais dificuldade de recursos é o sistema ideal.

Como fazer – O processo de produção de notícias segue o mesmo da rádio comum. A única diferença é que como o tempo de transmissão é limitado, é preciso escolher bem o que se vai fazer. Se a proposta for ligar a rádio todos os dias, às seis horas da tarde, por exemplo, pode-se fazer uma programação variada, diferente para cada dia. Mas se for ligada apenas no sábado, ou no domingo, é bom definir uma programação mínima que envolva notícias, música e recados.

TV Comunitária

Este é um tipo de trabalho que corre paralelo ao sistema de televisão. Mesmo com o surgimento dos canais comunitários, via cabo, é obvio que as comunidades mais carentes acabam não tendo acesso a esse tipo de serviço. Assim, muitas vezes, as comunidades servem unicamente de instrumento para a realização de uma infinidade de vídeos que as retratam mas que não chegam a ser vistos pelos seus protagonistas principais.

Está na história da humanidade esse desejo de se ver. O mito de Narciso, o homem que se apaixona por sua própria imagem, é o arquétipo, o modelo universal, que dá conta desse insaciável desejo de se reconhecer no mundo. Por isso, a imagem é uma coisa tão poderosa e, pelo mesmo motivo, a televisão pode ser uma canal importante para o reconhecimento das identidades, para o fortalecimento dos laços comunitários e para a criação de um espírito comunitário onde cada um se perceba, efetivamente, sujeito de sua própria vida e de suas lutas.

A idéia da TV Comunitária é muito simples. Se os pobres, na maioria das vezes, só aparecem na televisão em matérias de crimes ou nas grandes tragédias, cabe ao jornalista que decidiu caminhar pelos caminhos das comunidades, ou aos agentes de comunicação dessas mesmas comunidades, reverter esse quadro e colocar na telinha o povo se construindo e fazendo sua história.

Como fazer – A idéia é criar um espaço na comunidade, no qual as pessoas possam criar os programas que têm vontade e interesse de fazer, e possam também assistir a suas produções, comunitariamente. Para isso, precisa-se de algum investimento: Uma televisão, dois vídeos (para edição) e uma câmera de vídeo comum, do tipo VHS. Com esse material já é possível provocar uma “revolução” na comunidade.

O processo segue os mesmos passos dos anteriores. Cria-se uma equipe de pessoas que se sinta envolvida pela vontade de fazer vídeo, que queira aprender, que esteja disposta a tocar o projeto. A partir daí é necessário estabelecer as atividades de cada um e capacitá-lo. É importante que todos saibam manejar o equipamento para que o conhecimento não acabe sendo monopolizado por uma pessoa só. É claro que os que tiverem maior inclinação por essa ou aquela tarefa devem ser estimulados a aprofundar o conhecimento, mas sempre é bom todos conhecerem os processos de produção. Definidas as atividades de cinegrafista, repórter, produtor e apresentador, passa-se à estruturação da TV.

A proposta é que durante a semana sejam produzidos vídeos, reportagens ou documentários que deverão ser apresentados no sábado ou no domingo em hora determinada, no espaço da associação de moradores, na igreja, no bar, enfim, onde for melhor para reunir o maior número de pessoas.

A operacionalização do trabalho pode ser simples ou mais complexa, dependendo dos recursos que o grupo dispuser. Se não houver possibilidade de garantir dois vídeos para a edição dos programas, pode-se produzir o material em tempo real, sem necessidade de edição. Hoje em dia, já existem câmeras que fazem cortes perfeitos, sem prejudicar a qualidade do vídeo. É claro que para fazer assim, o trabalho de produção vai ser bem mais complicado, mas a criatividade supera qualquer dificuldade.

O mais importante é que as informações sejam repassadas em vídeos que não devem ser muito longos, para não dispersar a atenção dos telespectadores. Uma fórmula já experimentada é a de uma hora de apresentação com um pequeno telejornal de 15 minutos, com notícias da comunidade, seguido de vídeos experimentais sobre assuntos diversos, de interesse dos moradores. Temas como cultura, saúde, saneamento, drogas, violência, lutas e festas podem ser aproveitados.

A forma de construção das notícias pode seguir o mesmo padrão da notícia popular, descrito no começo desse trabalho mas, ao longo do tempo, o grupo

pode encontrar sua própria linguagem ou criar novas linguagens que dêem conta da mensagem que quer passar. É bom que as pautas, os assuntos para notícias e vídeos, surjam da própria comunidade, garantindo assim, a democracia da informação.

O papel do jornalista, nesse processo, é ensinar as técnicas e não de fazer os trabalhos. É importante que a câmera seja colocada na mão das pessoas da própria comunidade para que elas possam retratar o seu mundo a partir do seu olhar. Com o avanço da tecnologia, as questões técnicas se simplificam e qualquer pessoa é capaz de manusear uma câmera. Aqui, é fundamental o olhar. Toda a discussão sobre o que vai se retratar têm de passar por aí. Olhar o mundo sob o ponto de vista da comunidade, ampliando os horizontes e as informações sempre a partir desse olhar.

Atividades específicas

Cinegrafista – é aquele que vai manejar a câmera, fazendo a coleta das imagens ou mostrando, em tempo real, aquilo que o repórter está dizendo ou a pessoa entrevistada.

Repórter – é o que vai comandar a reportagem, mostrando a situação, contando o que está acontecendo, entrevistando as pessoas.

Produtor – é a pessoa que vai arranjar as coisas para que a matéria seja feita. Vai fazer contato com o entrevistado para que esteja no lugar certo, na hora certa. Vai definir o cenário onde a matéria vai ser feita, ou o local onde vai ser apresentado o jornal. É o que acompanha a equipe para acertar todos os detalhes, deixando o repórter mais livre para fazer seu texto e formular suas perguntas.

Apresentador – É a pessoa que, no Jornal, apresenta a cabeça das notícias, chamando a matéria do repórter.

Editor – É o responsável pela colagem das imagens do boletim do repórter. É a pessoa que dá forma à matéria, usando, para isso, dois vídeos. Com esse sistema ele pode cortar um texto que ficou longo demais, acrescentar ou tirar entrevistas, colocar música etc... tornando a matéria mais bonita.

Zine

O Zine é um dos veículos mais fáceis de fazer e um dos mais interessantes para a comunicação popular. Ele é simples e altamente visual. O nome é uma diminuição de Fanzine, tipo de impresso que nasceu na década de trinta para comunicar idéias que não tinham vez nos meios de comunicação comuns. Quem começou com essa técnica, segundo pesquisa do jornalista André Pinheiro, foram os fãs de filme de terror e ficção barata. O nome é uma mistura das palavras inglesas “fan” com “magazine”, ou seja, revista de fãs.

Com o passar do tempo esse tipo de publicação foi crescendo e hoje é um veículo muito utilizado não só entre os fãs de alguma coisa mas também no meio estudantil e comunitário, para denunciar, promover, discutir, informar, sempre com um tom crítico e humor cáustico. O processo de produção de um zine deve seguir os mesmos passos das formulações anteriores. Criação de uma equipe responsável pelo veículo, participação da comunidade na elaboração das pautas etc...

Como fazer – Basta que se consiga revistas velhas de onde se vai recortar figuras, frases, letras, enfim, tudo o que for necessário para passar a mensagem. A idéia é passar as informações de um jeito bem criativo e visual. O zine pode ter o formato que o grupo quiser. Pode ser uma folha de ofício comum, pode ser dobrada ao meio verticalmente ou horizontalmente. Pode ter uma página, duas, quantas for necessário. O legal é que não seja muito grande para não se tornar maçante.

Se não houver computador para fazer os textos eles podem ser feitos à máquina ou até à mão. O que importa aqui é que a informação seja passada. Depois dos textos prontos, figuras escolhidas, é hora de montar o zine. Aí, é tempo da cola e da criatividade. Um zine é quase uma obra de arte, na qual a colagem de elementos visuais e escritos formam a mensagem. Depois de pronto é só fotocopiar e distribuir. O bom desse tipo de veículo de comunicação é que o custo é baixíssimo, dependendo apenas da criatividade dos autores. Pela facilidade de confecção a periodicidade pode ser semanal ou até diária, dependendo do fluxo de informação e das necessidades da comunidade.

Teatro

Não há nada que toque mais o coração humano do que a arte. E o teatro, por sua proximidade com a platéia, seus gestos largos, suas máscaras, é uma das fórmulas mais apreciadas. A representação da vida é sempre um momento de distanciamento que leva cada ser humano a refletir sobre a realidade, o cotidiano onde está inserido. Assistir a uma peça que fale dos dramas humanos, dos absurdos do dia-a-dia, das tramas da política, enfim, da vida, leva o espectador a se encontrar consigo mesmo, identificando-se nas personagens. E, nesse mergulho em si mesmo, as pessoas podem perceber melhor o mundo em que vivem e sua posição nele, levando-as a uma atitude de transformação.

O teatro pode trabalhar com a fantasia, com fábulas, com histórias dramáticas ou cômicas, carregando os espectadores na magia, provocando sentimentos, despertando almas. As cores vibrantes, os disfarces, as máscaras, chamam a atenção e nunca passam despercebidos. É uma maneira segura de garantir ser ouvido.

Como fazer – Criar uma equipe que tenha vontade de fazer um trabalho desse tipo. Arrecadar pelas casas da comunidade, nas instituições, onde for pos-

sível, material para a confecção de roupas, máscaras e outros elementos cenográficos. Às vezes, um lençol branco, uma lâmpada e alguns bonecos de papel já são suficientes para fazer uma bela representação de teatro de sombras.

Depois é preciso encontrar algumas pessoas que gostem de escrever histórias e, a partir daí, é o que a imaginação inventar. Pode-se encenar cenas da vida cotidiana, com as pessoas falando de temas comuns como o aumento do preço do arroz, mas sempre procurando explicar porque o preço subiu. Também pode-se ensinar ações básicas como o que fazer para acondicionar o lixo, porque vacinar as crianças etc...O teatro tanto serve para divertir unicamente, como para passar informações importantes que não teriam a mesma apreensão se saíssem num jornal, por exemplo.

As apresentações podem ser feitas nas praças, igrejas, associações de moradores, bares etc...

Rádio-teatro ou Rádio-novela

Estes elementos funcionam como o teatro, só que servem para ser apresentados na rádio comunitária ou no alto falante. Também precisam de uma equipe de criação, com gente capaz de criar boas histórias. A rádio-novela é algo que se mantém na memória das pessoas, principalmente as mais velhas, e por ser um teatro sem imagens, aguça a imaginação, motor imprescindível da formulação da utopia.

Além da equipe de produção deve-se contar com um bom grupo de rádios-atores e um pessoal bem criativo para os efeitos especiais. Os capítulos podem ser gravados em qualquer lugar, com um bom equipamento de som.

Grafite

Toda comunidade tem uma escola ou um prédio público com grandes muros que podem ser aproveitados para a comunicação. A arte foi e sempre será uma área da vida humana absolutamente transformadora porque ela transcende aos interesses do artista. Qualquer obra, desenho, pintura, mesmo feita com alguma intenção, ganha vida própria a partir do olhar de quem a vê. Por isso, aliar a arte aos muros pode ser um fator de grande mobilização popular.

Imagine a criação de um grupo de pessoas interessadas em comunicar através da arte de desenhar. Esse pessoal poderia fazer as reuniões necessárias com as escolas ou prédios públicos e até mesmo particulares, para a criação de grandes painéis. Neles, as pessoas colocariam seus sentimentos, desejos, sonhos. Poderiam exercitar seus talentos artísticos provocando, ao mesmo tempo, o encontro da comunidade. Todos poderiam participar pintando, limpando, preparando as tintas. Uma ação coletiva em nome da cultura e da arte.

Os grafites seriam renovados semestralmente ou anualmente, dependendo da discussão da comunidade e esses momentos poderiam servir como grandes festivais de arte, juntando-se ao ato de desenhar outras artes como a música, o teatro, a poesia etc... A comunicação não é algo que se dá unicamente pelos veículos tradicionais, ela vai além, transcende aos meios e sempre pode encontrar espaços alternativos, criativos e aglutinadores.

Rodas de contação de histórias

Esta é outra forma de se promover a organização popular e passar informações importantes para a formação de seres humanos amorosos e solidários. Seria mais dirigida às crianças mas, com certeza, adultos e adolescentes também seriam bem-vindos. A proposta é trazer de volta a narrativa oral, aquela praticada desde os primórdios da espécie humana.

Também haveria a criação de um grupo específico de contadores que trabalhariam com algum número de histórias, as tradicionais, ou inventadas por eles, para que pudessem iniciar a roda de contação. É importante que existam pessoas preparadas para o ponta-pé inicial, mas a idéia é que cada um na roda vá contando/criando suas próprias histórias. Podem ser inventadas ou tiradas de sua vida real. Isso serve para trabalhar o encontro, a partilha, a imaginação, a oralidade e até para passar informações importantes. Volto a ressaltar, a comunicação é muito mais eficaz quando acompanhada da arte.

Agora é com você

Então aí está. Palavras, conceitos, jeitos de fazer, pequenas fogueirinhas para iluminar a vida de tantos caminhantes que se aventuram pelas margens. Agora é ruminar, pensar muito e fazer acontecer. A vida real precisa de jornalistas libertadores, de jornalistas comprometidos, jornalistas com posição e atitude diante da vida. A vida real, vibrante, triste e doce está aí, querendo ser narrada. É hora de decidir!!!!

Leituras para aprofundar os conhecimentos de trabalho popular.

- ALVES, Rubem. *Variações sobre a vida e a morte*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985
- _____. *A magia dos gestos poéticos*. São Paulo/Campinas: Olho d'Água & Speculum, 1995
- BELTRÃO, Luis. *Folkcomunicação – a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Editora Cortez, 1980
- BOFF, Clodovis. *Como trabalhar com o povo. Metodologia do trabalho popular*. Petrópolis: Vozes, 1996
- FAERMAN, Marcos. *Com as mãos sujas de sangue*. São Paulo: Global, 1979
- GALEANO, Eduardo. *As caras e as máscaras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985
- GRINBERG, Máximo Simpson. *A comunicação alternativa na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1987
- GOMES, Pedro Gilberto. *O jornalismo alternativo no projeto popular*. São Paulo: Paulinas, 1990
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997
- MEIRELES, Cecília. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976
- NEUMANN, Laurício. *Educação e Comunicação Alternativa*. Petrópolis: Vozes, 1990
- NUÑES HURTADO, Carlos. *Educar para transformar, transformar para educar: comunicação e educação popular*. Petrópolis: Vozes, 1992
- PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. *Comunicação nos Movimentos Populares – A participação na construção da cidadania*. Petrópolis, RJ : Vozes, 1998
- PESSOA, Fernando. *Poesias*. Porto Alegre: L&PM, 1996
- VIEZZER, Moema. *Se me deixam falar ...* São Paulo: Símbolo, 1980
- ZIMMERMANN, Roque. *América Latina, o não ser: uma abordagem filosófica a partir de Enrique Dussel*. Petrópolis: Vozes, 1987
- ZOLA, Êmile. *Germinal*. São Paulo: Nova Cultural, 1996

Elaine Tavares

Jornalismo nas margens

46